



Donald Meltzer: (des)cobrando o coração

*Alda R. Dorneles de Oliveira**, Porto Alegre

*Juarez Guedes Cruz***, Porto Alegre

*Luisa Maria Rizzo****, Porto Alegre

*Nina Rosa Furtado**, Porto Alegre

*Rosane Schermann Poziomczyk****, Porto Alegre

*Tula Bisol Brum**, Porto Alegre

A formação da identidade analítica, especificamente a construção e sustentação da postura mental no desempenho da tarefa em nossos consultórios, em especial durante os momentos críticos do processo, levam à busca daqueles autores cujas idéias nos inspiram e apóiam. Neste trabalho, os autores prestam esse reconhecimento a Donald Meltzer, destacando suas inovadoras concepções a respeito do conceito bioniano de reversão da função alfa que acrescentam um elemento de esperança para o processo analítico que não estava claramente descrito nas formulações originais de Bion. A noção de conflito estético e sua influência na organização e funcionamento da personalidade fundamentam o tema central da discussão. O tema é ilustrado com o filme A voz do coração.

Descritores: reversão da função alfa, mentira, conflito estético, processo psicanalítico, horas-esperança.

* Psicanalista. Membro Associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

** Psicanalista. Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

*** Membro Aspirante da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





Introdução

O presente trabalho possui duas vertentes. A primeira é afetiva: seus autores convivem já há alguns anos em um grupo de estudos que se reúne, semanalmente, para debater as obras de Donald Meltzer e Wilfred Bion. Os frutos colhidos ao longo do tempo, tanto na qualidade do desempenho da tarefa em nossos consultórios quanto na formação da identidade analítica de cada um, tornaram a elaboração deste texto quase uma necessidade: homenagear alguém que tanto nos proporcionou. A segunda vertente, mais intelectual – embora de maneira alguma desvinculada da primeira –, tem por objetivo abordar algumas das conseqüências teóricas e técnicas de uma das elaborações de Meltzer a respeito do conceito bioniano de *reversão da função alfa*, sua relação com a gênese da mentira e as conseqüências disso para o psiquismo. Parece-nos que tais concepções acrescem um elemento de esperança para o processo psicanalítico que não estava claramente descrito nas formulações originais de Bion.

O texto inicia-se com uma breve revisão de algumas idéias de Meltzer a respeito da organização e funcionamento da personalidade. Tal revisão, acrescida da noção de conflito estético, elaborada no livro *A apreensão da beleza* (1988), fundamentará a discussão do tema central do trabalho: a importância, como sustentáculo da postura mental do analista – especialmente durante os momentos críticos do processo –, das inovadoras concepções de Meltzer a respeito da *reversão da função alfa*.

A personalidade: organização e funcionamento

Para Meltzer (1973), a estabilidade da organização da personalidade é um estado relativo, posto que há, constantemente, um fluxo e refluxo – cisão interna/reintegração – ocorrendo em diferentes níveis da mente. Comenta, nessa linha de pensamento, que uma das primeiras descobertas de Melanie Klein foi o processo de cisão-e-idealização: nos primeiros meses de vida, para que possa desenvolver-se, a personalidade sofre uma divisão no *self* e nos objetos internos – operação primária que instaura as bases para a formação das categorias de *bom* e *mau*. Baseando-se em Klein, diz que, dependendo da forma e amplitude de tal cisão, podem ocorrer alterações nesse processo estrutural básico, o que leva a patologias. Porém, quando esses mecanismos ocorrem adequadamente, as partes más do *self* e objeto cindidas e projetadas para fora unem-se formando o objeto persegui-





dor, assim como as partes boas unem-se formando o objeto idealizado. Acrescenta que “... a combinação da bondade no self e no objeto dá lugar à posição depressiva. Quando essa combinação torna-se mais forte e a posição depressiva mais estável, cindir fora de si o mau fica menos intenso ou se modifica. Pouco a pouco, é permitido aos aspectos maus do self e do objeto regressarem à família” (Meltzer, 1998, p.79, tradução dos autores).

Meltzer comenta que este processo não tem fim, pois nunca se conseguirá reintegrar completamente – nem no *self*, nem nos objetos – o mau cindido. Acrescenta que o desenvolvimento da mente depende da atitude do psiquismo com relação à dor mental. Salienta que a confiança favorece a integração, que, por sua vez, influencia na atitude mental em relação à dor. Lembra, então, o quanto a confiança nos bons objetos, especificamente no seio materno, foi amplamente investigada por Melanie Klein. Refere que esta autora conclui que “...a operação da projeção e da introjeção do bebê, modificada pelas reais qualidades da mãe externa ao cuidar do bebê, constrói internamente um seio idealizado como o centro da dependência e o âmago da esperança” (Meltzer, 1973, p.111).

No mundo da fantasia inconsciente, a confiança é produto da relação *self/objeto* e, segundo ele, a qualidade dos objetos que em primeiro lugar gera confiança é a beleza. Pensa que somente mais tarde vêm somar-se a bondade e a força. Observa Meltzer (1973) que estes objetos internos bons confiáveis, que são belos, bondosos e fortes, também são justos e disponíveis. Com eles dentro de si, o bebê pode sentir que os pais reais o aceitam e preservam, conseguindo naturalmente abrir mão de si mesmos temporariamente para lhe dedicarem os cuidados de que necessita, assim como os pacientes podem esperar o mesmo de seus analistas. Essas qualidades de justiça e disponibilidade dos bons objetos internos permitem a integração das estruturas infantis e com isso o desenvolvimento da capacidade real de compartilhar – o companheirismo.

A ‘preservação’ dos filhos pelos pais reais, e não a ‘criação’, baseia-se na idéia de Meltzer de que a criatividade é uma função dos pais/objetos internos: “Os pais, assim como os artistas, sentem que descobriram, e não que criaram, seus filhos” (Meltzer, 1973, p.101). Explica que esse *algo* criativo que habita o ser humano é um objeto interno combinado primário, que transmite ao *self* a criatividade através da inspiração. Esse objeto interno inspiracional, equivalente, no dizer de Meltzer, a um ideal do superego, auxilia o ego a desenvolver capacidades. Ao mesmo tempo, ele próprio também está em processo constante de enriquecimento. Isso ocorre porque vai assimilando estas capacidades que ajudaram o ego a desenvolver e também porque, conforme já mencionado, o andamento da reintegração da cisão-e-idealização primária continua ao longo da vida.





Sugere este autor que, na clínica com nossos pacientes, podemos observar que este processo de cisão-e-idealização se apresenta, com freqüência, de forma excessiva ou de maneira inadequada: “Por excessivo [*diz ele*], entendo uma divisão sem matizes entre bom e mau no self e nos objetos,[...] de modo que qualquer coisa que produz dor é má...”, diferente de outros pacientes “... que podem experimentar a possibilidade de que um objeto bom lhes cause dor” (Meltzer, 1998, p.61, tradução dos autores). Em outro grupo, no qual a cisão-e-idealização primária é inadequada, falta uma convicção a respeito da discriminação entre bom e mau: tendem a considerar bom um objeto que causa dor; têm dificuldade para distinguir a dor provocada por um objeto mau daquela advinda de um objeto bom. Cita como exemplos do primeiro grupo (forma excessiva) os pacientes paranóides, ciclotímicos e obsessivos e do segundo (maneira inadequada) os borderlines e perversos.

Referindo-se ainda à psicopatologia, escreve que percebeu, através do material analítico, que um aspecto do *self* pode aliar-se, em um grau variável, a uma parte do objeto “...que é malévola em suas intenções para com a organização primária de desenvolvimento das partes idealizadas do eu e dos objetos...” (Meltzer, 1973, p.108). Para ele, *perversão*, isto é, *perversidade de propósito*, ocorre quando a parte destrutiva da personalidade toma a liderança. Diz que esse é um estado mental essencialmente maníaco, cuja força motora é a inveja para com a beleza, bondade e criatividade dos bons objetos e suas capacidades de construir vínculos. Seu objetivo é eliminar a ansiedade depressiva em primeiro lugar e depois a persecutória. Nestes casos, o sentido de identidade foi capturado pela parte destrutiva.

Adverte que “... a parte má do eu varia em seus atributos de pessoa a pessoa ...”, o que pode “... ser de origem constitucional, mas que muitas vezes parecem ser consequência do meio onde a pessoa se desenvolveu” (Meltzer, 1973, p.108). Considera como primeira variável a inteligência, especialmente “...os aspectos verbais da manipulação de símbolos” (idem). Parece-lhe que a inteligência, como um atributo da personalidade, pode ser dividida e desigualmente distribuída entre as partes do *self*. Cita como exemplo o desenvolvimento de “... uma virtuosidade em algumas crianças que sofreram muito cedo um distúrbio autístico” (idem).





A apreensão da beleza: o conflito estético

Em *A apreensão da beleza*, quinze anos após seus estudos publicados nos *Estados sexuais da mente*, referindo-se aos distúrbios na capacidade de discriminação decorrentes do transtorno da capacidade de diferenciação entre bom e mau, escreveu Meltzer: “À medida que a ubiqüidade deste defeito na parte mais psicótica da personalidade mais e mais se fez presente para mim na experiência clínica, mais eu fui me dando conta de sua conjugação com um outro defeito muito sério: o fracasso da apreensão da beleza através da resposta emocional à sua percepção” (Meltzer e Williams, 1988, p.1/2, tradução dos autores).

Nesse livro, os autores destacam a importância das contribuições de Melanie Klein e de Bion à teoria freudiana, o que os levou a repensar a origem da dor mental e o processo de desenvolvimento desde a infância. O recém-nascido passa a ser visto como um ser que sofre, desde o útero, o impacto de experiências emocionais, que desencadeiam representações simbólicas estruturantes da personalidade. O nascimento passa a ser muito mais uma experiência emocional do que traumática.

Observa Meltzer que Bion apresenta a noção de que uma *nova idéia* é o que se abate sobre a mente como uma experiência catastrófica, desencadeando a função cognitiva. Esta *nova idéia* constitui-se, na concepção destes autores, como sendo uma *experiência emocional* da beleza do mundo e de sua maravilhosa organização. Meltzer descreve o encontro do olhar do bebê com sua mãe como uma experiência de rara beleza. O rosto da mãe, seus seios, seus olhos, são para o bebê uma beleza externa que vai, aos poucos, sendo conhecida.

Mas nem tudo é belo e tranquilizador, pois o bebê tem que lidar com o desconhecido também. O comportamento da mãe é repleto de significados aos quais ele ainda não tem acesso: seu rosto aparece e desaparece, o sorriso é enigmático. Quem apresenta o mundo à criança é esta mãe que muitas vezes se ausenta. Ela dá e tira, a mensagem é dúbia – proporciona o bom e o ruim. Este é o conflito estético, definido mais precisamente como “...o impacto estético do exterior da ‘linda’ mãe, disponível aos sentidos, e o enigmático interior que precisa ser construído pela imaginação criativa” (Meltzer e Williams, 1988, p.22, tradução dos autores).

No centro da questão do conflito estético, está a capacidade de tolerar a incerteza, o não saber, aspectos constantes na paixão dos relacionamentos íntimos.

Em *Metapsicologia Ampliada* (1986), Meltzer comenta tais concepções com a idéia de que a função alfa e a bi-dimensionalidade se relacionam ao enigma do





interior e do exterior do objeto estético. Este tem poder para evocar emocionalidade, mas, igualmente, gera angústia, dúvida, desconfiança. O autor nos ajuda a imaginar como este dilema, de conseqüências tão importantes, se apresenta ao ser humano, no alvorecer do seu desenvolvimento: *“Se as qualidades sensuais do objeto estético podem ser apreendidas com certo grau de confiança, suas qualidades internas, devido ao fato de serem infra ou supra-sensuais, não têm a mesma facilidade. Aqui, a observação deve vir acompanhada pelo pensamento e pelo juízo, e este último, para ser firme, depende em grande medida da experiência. Pois na conjunção ou disparidade entre o exterior e o interior do objeto de temor reverente e admiração está, seguramente, seu valor para o bem ou o mal. Porém, a experiência que o bebê tem do mundo é quase nula. Como, então, irá exercer este juízo? Não pode; pode somente esperar para ver o que acontecerá depois”* (Meltzer, 1986, p.236/7, tradução dos autores).

Meltzer acrescenta, de forma poética, que a confiança deveria ser concebida como

“...uma qualidade composta da mente, como poderíamos usar força-deslocamento como definição de trabalho: horas-esperança, ou minutos, ou dias, ou anos. Nos muito jovens, pode às vezes mais parecer segundos-esperança, como quando o rosto do bebê se contrai no momento em que a mãe sai de seu ângulo de visão. (...) A confiança, em termos de tempo-esperança ... parece ter raízes qualitativas na riqueza da experiência estética, cuja seqüela é a separação. E esta riqueza há de se encontrar, sem dúvida, no elemento de reciprocidade da apreensão da beleza. O bebê deve ser sustentado pela mãe como um objeto estético para que a experiência do seu ato-de-amor reverbere e aumente em intensidade” (Meltzer, 1986, p.237, tradução dos autores).

No sentido deste conceito, a psicopatologia tem sua base primária na evasão da dor advinda do conflito estético. É necessário, assim, que se reconheça que o conflito a respeito do objeto presente é mais significativo do que toda a série de ansiedades a respeito do objeto ausente: *“O elemento trágico na experiência estética reside não na transitoriedade, mas na qualidade enigmática do objeto ... Sua experiência central de dor reside na incerteza...”* (Meltzer e Williams 1988, p.27, tradução dos autores).

Por mais que essa incerteza leve a reações de desconfiança e suspeição, Meltzer destaca que, em sua longa experiência, jamais encontrou que algum bebê não tenha sido tocado pelo belo. Há muitas evidências também que sugerem ser





impossível a sobrevivência, pelo menos da mente, para quem não foi tocado por esta experiência. Citando Wordsworth¹, comenta que a percepção da beleza do mundo é inerente às *nuvens de glória* englobadas na mentalidade das crianças. E a questão da perda desta sensibilidade tem a ver com a natureza da dor que acompanha dita sensibilidade.

Estudando crianças autistas, encontrou que muitas delas apresentavam uma inconfundível sensibilidade estética e ficava se perguntando se sua falha no desenvolvimento não estaria relacionada a processos para frear a beleza do mundo. O desmantelamento dos sentidos (semelhante a um “assassinato da alma”) e a bi-dimensionalidade seriam métodos utilizados neste sentido.

A reversão da função alfa

Meltzer apóia-se na concepção de Bion: para que entre em operação o nível mental, superpondo-se ao puramente neurofisiológico, a primeira operação é a criação de pensamentos, que requerem um aparelho para pensá-los (manipulá-los, usá-los). Este processo está relacionado à concentração da atenção na emocionalidade que desperta uma experiência. Meltzer, partindo destas idéias, sugere que a difusão da atenção observada em crianças autistas seja uma forma poderosa e, ao mesmo tempo, econômica de evadir o impacto da vida, tanto ao redor como dentro delas próprias. Entende Meltzer que, enquanto o bebê está no ventre materno, todas as experiências protomentais são amortizadas, vagas e impossíveis de coordenar, sendo o simbolismo, por esta razão, primordialmente auditivo e rítmico. Na medida em que não ocorra alguma perturbação fetal, nem aumento de estímulos, os processos oníricos são aprazíveis e o desenvolvimento se encaminha para a predominância do exercício da função alfa. O que caracteriza uma reversão da função alfa é quando algo está para ser construído no psiquismo e é destruído, e os escombros desta reversão são evacuados de um modo ou de outro.

Observa Meltzer que, segundo Bion, estes elementos reduzidos a escombros não voltam a ser elementos beta, mas sim elementos beta com vestígios de ego e superego, ou seja, com fragmentos de significado. Adverte Meltzer que, sendo este processo revertido no meio do caminho, produzirá, como conseqüência, uma trama de mentiras e representações falsas. Diz: “Se a assimilação da experiência ao inconsciente se desvia mediante uma cisão da atenção aos fatos ou

1. William Wordsworth (1770-1850): poeta inglês, considerado a maior expressão literária do movimento romântico na Inglaterra.



Alda R. Dorneles de Oliveira et al.

para uma transformação verbal prematura, o resultado será então um conto ou uma ficção incorporada à pré-concepção” (Meltzer, 1986, p.101, tradução dos autores).

Vêm daí as transformações em alucinoses, que implicam na percepção de relações inexistentes entre os objetos. Comenta Meltzer que, para Bion, as transformações em alucinoses estão dentro do mundo da formação de símbolos, do pensamento e do significado, mas há algo alterado que se introduziu no desenvolvimento do pensamento. Neste caso, as experiências emocionais começaram a ser transformadas em elementos alfa, a serem sonhadas e pensadas, porém este processo se reverte e produz algo semelhante à pobreza da imaginação e à rigidez.

Pretende-se, a seguir, tecer breves comentários a respeito do filme *A voz do coração*. Para os autores, este filme de Christophe Barratier evidencia alguns aspectos do que foi abordado até aqui.

Uma ilustração do tema: o filme *A voz do coração*

Em uma tarde cinzenta e fria, chega a uma escola um professor, homem de meia idade, simples, humilde, muito sensível e humano. Traz, na sua bagagem, além de poucas roupas surradas, alguns cadernos, partituras musicais, muita bondade e generosidade. Podemos imaginar que transparecesse, partindo de seu íntimo, uma espécie de linda e devotada mãe comum.

A escola era um internato que abrigava um pequeno grupo de meninos de todas as idades, até a adolescência, órfãos ou abandonados. Ficava num lugar qualquer da França – ‘O fundo do poço’ – uma espécie de fim de mundo esquecido como aqueles meninos transformados pelo sofrimento em crianças más.

O primeiro contato do professor é com o pequeno Pepinot, parado diante do imenso e velho portão de ferro, com o olhar perdido no horizonte, aguardando com incansável e renovada esperança que viessem buscá-lo. Talvez este encontro tenha alimentado, no professor, um sentimento de que havia algo bom naquele local.

No pátio alguns meninos jogavam futebol. Brincando, pareciam crianças comuns tratadas como delinquentes pelo diretor da escola, que tinha como lema reagir com violência a qualquer ação hostil que partisse deles. Punia com castigos severos e perversos, estimulando mais violência. Para o diretor o dano na personalidade dos alunos já estava estruturado, não valia mais a pena investir. Mais do que isto, encontrou naquela escola e naqueles meninos um meio para dar vazão à sua perversão.





O professor percebeu que a relação com as crianças era baseada na maldade e se alimentava da maldade. Predominavam na cena do mundo interno daquelas pessoas objetos maus, assassinos, destrutivos, movidos pela inveja, pelo narcisismo.

Os meninos o receberam com arrogância, desprezo, ferocidade. Assustou-se diante do inesperado, não fora prevenido. No entanto, não desistiu, decidindo-se a enfrentar aquele desafio: tentar contatar os bons objetos, perdidos e esquecidos no meio da maldade, revitalizá-los e revelá-los às crianças. Foi visto como ingênuo por acreditar nisso.

Seu modo de reagir diante da agressividade das crianças destoou do comportamento do diretor. Respondia com afeto à projeção assassina e destrutiva. Mostrou-se tolerante, compreensivo, disponível, forte e justo. Aos poucos construiu uma relação mais confiante, baseada numa ação conjunta da *rêverie* materna com a função paterna, ao fazê-los respeitar os limites, com afeto e consideração. Recebia a carga destrutiva projetada e a devolvia transformada e compreendida.

Criou um coral aproveitando as boas qualidades de cada um e incluindo todos, tentando, dessa forma, aproximar-se através da música, do *self* verdadeiro daquelas crianças, da essência soterrada pela maldade. Todos tinham algo bom, mesmo o adolescente perverso e delinqüente. Neste processo (des)cobriu verdadeiros talentos oprimidos. Acreditou nisso, buscou encontrar-se nessa relação mais verdadeira e profunda com as crianças e ajudá-las a encontrarem-se. Estabeleceu-se assim um nível de comunicação entre eles que os reabasteceu e lhes possibilitou suportar a espera e as dificuldades da vida.

O resultado foi espantoso e emocionante. Com a música que vem de dentro e toca lá dentro, no coração das crianças e no seu reacendeu a esperança. As transformações individuais e compartilhadas foram brotando, às vezes sintonizadas, outras não, harmonizando-se como as notas musicais, compondo uma melodia: a voz do coração.

Progressivamente desenvolveu-se entre o professor e as crianças uma relação sólida e confiável no mundo interno, que possibilitou maior estabilidade no mundo externo. Neste contexto, com a ajuda do professor, ocorreu a reaproximação entre um dos alunos e sua mãe. Tal aproximação simboliza o quanto esses progressos foram vividos como momentos idílicos e belos entre uma mãe e seu bebê no ato da amamentação. Por outro lado, tais momentos, frutos da capacidade do professor de, através da música, mitigar o sofrimento, foram alvo de intensa inveja por parte do diretor da escola. Sendo-lhe extremamente difícil suportar tamanha beleza e mistério resultantes desse encontro inesperado, demite sumari-





amente o professor, que precisou partir sem ter, sequer, o direito de despedir-se das crianças.

O professor parte muito triste, imaginando que, para as crianças, ele seria apenas mais um que iria embora, frustrando-os e não ficaria nada, apenas um imenso vazio. Surpreende-se ao sofrer uma espécie de ataque aéreo com aviõezinhos de papel ao passar pelas janelas dos dormitórios. Eram cartinhas de despedida e gratidão. Olha para o alto e vê inúmeras pequenas mãos abanando silenciosamente, mas com a música ecoando lá dentro. Parte então aliviado. Percebeu que, de fato, conseguira reabastecer aqueles pequenos corações com *horas-esperança*.

Quando vai embarcar no ônibus, escuta alguém chamando-o. Era o pequeno Pepinot, que corre em sua direção, fugido da escola, carregando uma minúscula bagagem – seu ursinho de pelúcia – e no coração a esperança de ter encontrado alguém que pudesse ser seu pai e sua mãe. Pede para ir junto. Por um momento o professor vacila: estaria agindo corretamente? Felizmente escutou a voz do seu coração e acolheu o pequeno lamento.

Considerações finais

A seguir, passaremos a focar alguns aspectos que nos chamaram atenção no filme, à luz de idéias que fomos desenvolvendo através do estudo das concepções de Meltzer sobre o conflito estético e suas vicissitudes.

Pensamos que o professor, como um objeto combinado inspiracional, sustenta os meninos através do contato afetivo, da reciprocidade no cantar junto, na melodia afinada e proporciona uma experiência emocional e estética que reverbera o ato de amor.

Supomos que, neste caso, o encontro com o objeto estético tornou possível que fosse evocada a emocionalidade junto com angústia, dúvida e desconfiança. A possibilidade de enfrentar o novo, o desconhecido e suportar a dor mental causada pela frustração e separação que acompanha a verdade, a beleza deste objeto, abriu caminho para a confiança, a criatividade e despertou a esperança.

Infelizmente nem sempre é possível reintegrar adequadamente o bom e o mau cindidos. Parece-nos que esta situação fica bem representada pelo diretor e pelo adolescente perverso que chega na escola algemado. Carregam no rosto uma expressão de intensa arrogância, indiferença, desprezo e maldade. Não conseguem harmonizar-se internamente e admitir a dependência de um bom objeto interno nutridor. Não se deixam tocar pelo objeto estético. Há um fechamento da sensibilidade, por não suportarem o impacto da beleza deste objeto. A intensa





inveja despertada parece agir como uma força que interfere na capacidade para experimentar uma experiência apaixonada e estabelecer um relacionamento com a verdade. Onipotentemente atacam e destroem a origem da sua dor. Meltzer (1988) destaca que a ‘estupidez’ confunde a forma exterior com a beleza interior. Mergulhados nesta confusão e aprisionados pela “... inveja de outros que parecem ter ‘uma beleza diária em suas vidas’ ...” (Meltzer, 1988, p. 495, tradução dos autores), não enxergam o ‘*coração do mistério*’...

Ainda com relação ao filme, podemos conjecturar sobre como os meninos, defensivamente, se fecharam para a beleza do mundo, restringindo sua sensibilidade. Conforme sugere Meltzer, e sustentamos neste trabalho, apesar de suas vidas trágicas, os meninos experimentaram o “*elemento da reciprocidade da apreensão da beleza*” junto ao objeto primário e guardaram as sementes em seu interior, à espera de um momento propício para germinarem. No filme, este momento é representado pela entrada em cena do professor, com sua grande capacidade de reabastecer seus alunos com ‘*tempo-esperança*’.

Pensamos que, em uma análise, este também deve ser o caminho: a retomada da possibilidade de apreensão da beleza. Concordamos com Meltzer que as operações defensivas que aparecem na psicanálise podem ser vistas como movimentos contra o impacto do objeto estético. A responsabilidade do analista na utilização do método psicanalítico é semelhante à do diamantista ao cortar o diamante e proporcionar um efeito de maior amplitude da luz refletida sobre ele e, com isso, maior brilho, possibilitando que seu reflexo seja visto com maior clareza (Meltzer, 1986).

No filme isto fica bem representado na evolução e crescimento psíquico do menino soprano no coral e na vida: torna-se um maestro bem-sucedido, que, quando confrontado com a dor profunda pela morte da mãe, relembra esta bela história.

Meltzer nos alerta para esta luta constante do ser humano “... para conseguir manter vinculados dentro de si a alegria e a dor da verdade a respeito das coisas vivas e não-vivas, da fragilidade das forças da vida quando comparadas ao maligno, que parece estar sempre sendo favorecido pelo grande fator da aleatoriedade” (Meltzer e Williams, 1988, p.3, tradução dos autores).

No capítulo 9 de *Metapsicologia Ampliada*, Meltzer realiza uma investigação a respeito da mentira e lembra o conceito de Bion de ‘*reversão da função alfa*’. Encerra seus comentários de um modo que nos deixa em dúvida se não seria otimismo demais acreditar nele quando afirma que a reversão da função alfa não implica necessariamente na “...destruição dos elementos alfa em processo de formação (*que podem ser indestrutíveis uma vez que adquiriram forma suficiente para tornar-se acessíveis à memória*) [*ela, a reversão da função alfa*]...somente





pode cobri-los com um manto de mentiras (...) se as coisas são assim na mente, ou seja, se o verdadeiro símbolo não pode ser destruído, mas somente encoberto, deve-se abrigar a esperança de que a verdade chegue a brilhar através dessa capa...” (Meltzer, 1986, p.116, tradução dos autores).

De certa forma isto já estava anunciado em *O processo psicanalítico*, quando Meltzer comenta que, ao longo de um processo psicanalítico bem-sucedido, acontece a progressiva diminuição da tentação narcisista em “...favor da dependência de objetos internos primários bons” (Meltzer, 1967, p.48). Tal fato permite o desenvolvimento da capacidade de depender do seio como um bom objeto nutridor. Meltzer apresenta esse ganho como a culminação de um “...lento e tedioso processo de abandono da onipotência” (idem, p.123), no qual os objetos internos evoluem desde o primitivo estágio de “...um agrupamento de objetos parciais com funções” de um superego inibidor, até a formação de uma figura combinada dos pais “...com funções inspiracionais...” (Meltzer, 1967, p.122-123).

Novamente aqui a questão do reencontro com o objeto interno bom. E este é um dos aspectos que mais nos chama a atenção na obra de Meltzer: o quanto suas concepções fornecem ao analista um substrato de ‘horas-esperança’ no método, especialmente nos momentos difíceis que enfrentamos em qualquer processo psicanalítico (como, por exemplo, os períodos de não compreensão ou situações próximas ao impasse). No filme *A voz do coração*, podemos sentir esta luta em diversos momentos. E talvez a pedra de toque para incluirmos o filme neste trabalho tenha sido a cena da despedida com a chuva de cartas, que nos mobilizou a emoção da perda de alguém muito querido e nos remeteu ao verdadeiro desejo do grupo: enviá-las a Meltzer. Este trabalho pode ser visto como uma tentativa de elaboração desta perda. Meltzer, de certa forma, foi esse professor. Surge, na história da psicanálise, através de seus textos carregados de sensibilidade, como um diamantista cuidadoso e devotado, renovando a esperança na existência de um bom objeto que está, apenas, escondido sob o ‘entulho’ de defesas que o paciente armou durante sua existência e na possibilidade de resgatá-lo. Lembra Freud: todo o encontro é um reencontro. □

Abstract

Donald Meltzer: (dis)covering the heart

The formation of the analytic identity, specifically building and sustaining the mental posture when performing the task in our offices, especially during the critical moments of the process, lead to search for authors whose ideas inspire and





support us. In this study, the authors acknowledge Donald Meltzer, highlighting his innovative concepts about the Bionian concept of reversion of alpha function which add an element of hope to the analytic process that was not clearly described in Bion's original formulations. The notion of aesthetic conflict and its influence on the organization and functioning of the personality provide the foundation of the central theme for discussion. The theme is illustrated with the film: The voice of the heart.

Keywords: reversion of alpha function, lie, aesthetic conflict, psychoanalytic process, hope-hours.

Resumen

Donald Meltzer: (des)cubriendo el corazón

La formación de la identidad analítica, específicamente la construcción y sus-tentación de la postura mental en el desempeño de la tarea en nuestros consultorios, en especial durante los momentos críticos del proceso, llevan a la búsqueda de aquellos autores cuyas ideas nos inspiran y apoyan. En este trabajo, los autores prestan ese reconocimiento a Donald Meltzer, destacando sus innovadoras concepciones sobre el concepto bioniano de reversión de la función alfa que añaden un elemento de esperanza para el proceso analítico que no estaba claramente descrito en las formulaciones originales de Bion. La noción de conflicto estético y su influencia en la organización y funcionamiento de la personalidad fundamentan el tema central de la discusión. El tema se ilustra con la película *La voz del corazón*.

Palabras llave: reversión de la función alfa, mentira, conflicto estético, proceso psicoanalítico, horas esperanza.

Referências

- BARRANTIER, C. *Les Choristes*. França, 2004, Filme. (Título do filme em português: *A voz do coração*).
- MELTZER, D. (1967). *O Processo Psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1971.
- . (1973). *Os Estados Sexuais da Mente*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- . (1986). *Metapsicologia ampliada*. Buenos Aires: Spatia, 1994.





Alda R. Dorneles de Oliveira et al.

———. (1988). A propósito de la estupidez del mal. In: *Sinceridad y otros Trabajos*. Buenos Aires: Spatia, 1994.

MELTZER, D. e WILLIAMS, M.H. (1988). *The Apprehension of Beauty*. The Clunie Press for The Roland Harris Educational Trust, Old Ballenchin, Strath Tay, Scotland.

MELTZER, D. e HARRIS, M.H. (1988). *Adolescentes*. Buenos Aires: Spatia, 1998.

Recebido em 24/01/2005

Aceito em 16/03/2005

Alda Regina Dorneles de Oliveira

Rua Prof. Langendonck, 57/308

90630-060 – Porto Alegre – RS – Brasil

E-mail: aldaoliv@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA

